

## **Rap da roça<sup>1</sup>** **Diálogos políticos entre a juventude do campo e da cidade**

Pablo Nabarrete Bastos<sup>2</sup>

Universidade Nove de Julho - UNINOVE

### **Resumo**

Este artigo apresenta resultados de tese de doutorado desenvolvida, entre 2010 e 2015, sobre a formação política do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). O foco deste artigo é o nível de luta pela hegemonia da/na arte e cultura, a partir das narrativas de jovens camponeses que compõem o grupo de rap Veneno H2. Utiliza-se o método dialético e são aplicadas técnicas qualitativas, entrevistas semiestruturadas, com os jovens rappers do MST, e análise de letras do álbum Militante da Terra. A pesquisa mostra que as narrativas dos jovens camponeses, resultantes de espaços de fronteira entre o campo e a cidade, sinalizam aproximação política entre a juventude desses espaços por meio da identificação cultural, o que pode fortalecer e aprofundar as alianças e os diálogos políticos.

**Palavras-chave:** Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST); rap; hegemonia popular; juventude; campo e cidade.

### **Introdução**

Este artigo apresenta resultados de tese de doutorado, desenvolvida entre 2010 e 2015, com o objetivo de compreender como se desenvolve historicamente a relação e articulação política entre o MST e a cidade, entre trabalhadores rurais e urbanos na luta pela hegemonia popular, a hegemonia da classe trabalhadora (BASTOS, 2015). É o que representa esta relação para a formação, a força, a prática e luta política dos Sem Terra<sup>3</sup>. O que implica compreender a capacidade dialógica do MST, a disposição e intencionalidade pedagógica e comunicativa para as alianças políticas e de classe com o trabalhador urbano. A pesquisa identifica quatro principais níveis de luta pela hegemonia: hegemonia do/no espaço social, hegemonia da/na comunicação, da/na arte e cultura e hegemonia da/na

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutor em Ciências da Comunicação pela ECA-USP. Coordenador e professor do curso de Comunicação Social-Publicidade e Propaganda, da UNINOVE.

<sup>3</sup> Sem Terra em maiúsculo, nome próprio, refere-se aos militantes do MST, enquanto sem-terra é designação genérica do trabalhador rural desprovido de terra, conforme autores que são referência para esta tese (CALDART, 2004; FERNANDES, 1999).

educação. O espaço de pesquisa é o espaço entre campo e cidade, com foco no eixo metropolitano do MST no Estado de São Paulo. O eixo metropolitano é composto por ocupações, acampamentos, assentamentos e escolas situados na Grande São Paulo, Vale do Paraíba, Ribeirão Preto e Campinas. O foco recai no espaço de fronteira política, lugar da alteridade, de encontro, desencontro e contradição, onde há maior potencial para o desdobramento da comunicação política emancipatória, para a integração crítica e a luta contra-hegemônica, desde que reconhecido este espaço comum de comarginalidade. A situação de comarginalidade é concreta, mas exige mediação política dos trabalhadores do campo e da cidade para que se configurem as alianças. Por isso o trabalho estratégico das organizações, como o MST, e a luta pela hegemonia do/no espaço, da/na comunicação, da/arte e cultura e da/na educação. Esses níveis constituem campos de luta pela hegemonia centrais para a formação política do MST. Hegemonia concebida fundamentalmente a partir do conceito primário formulado por Lênin e desenvolvido posteriormente por Gramsci (1966): de aliança de classe e unidade política-ideológica-moral entre a classe trabalhadora, operários e camponeses, formação política e popular necessária para a construção da hegemonia popular e do socialismo. A análise do processo de hegemonia a partir dessas subcategorias possibilita melhor compreensão das especificidades dessas arenas de luta, no entanto estão todas elas dialeticamente relacionadas. O foco deste artigo é o nível de luta pela hegemonia da/na arte e cultura. A pesquisa mostra que as narrativas dos jovens camponeses, resultantes de espaços de fronteira entre o campo e a cidade, sinalizam processo de aproximação política entre a juventude por meio da identificação cultural, o que pode fortalecer e aprofundar as alianças e os diálogos políticos.

Utilizamos o método dialético e aplicamos técnicas qualitativas, entrevistas semiestruturadas, com dirigentes, militantes e jovens camponeses integrantes do grupo de rap Veneno H2<sup>4</sup>, cujas letras do álbum Militante da Terra foram analisadas. Realizamos também pesquisa antropológica nas visitas à Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF). A ENFF, localizada no bairro de Parateí, município de Guararema, Estado de São Paulo, é o principal espaço de formação política dos movimentos sociais da América Latina, um importante espaço de formação, comunicação e socialização política entre a classe

---

<sup>4</sup> Os jovens militantes do MST, rappers do Veneno H2, os primos Cesinha e Mano Fi, de Ribeirão Preto, e John, de Franca, o John Doido, concederam-nos entrevista no dia 21/09/2011, em imóvel que o MST alugava no bairro da Barra Funda, na cidade de São Paulo.

trabalhadora. Superpõem-se os espaços local, nacional e latino-americano. As famílias dos jovens rappers do Veneno H2 são do Assentamento 17 de abril, que fica em Restinga, região próxima a Ribeirão Preto. A região compõe o Eixo metropolitano do MST. Nessas áreas, em que os espaços urbano e rural se superpõem, são intensificadas as negociações, articulações e diálogos culturais, sociais e políticos entre a militância do MST, os trabalhadores e movimentos sociais urbanos. As letras do grupo refletem esse diálogo intercultural.

Com o avanço da pesquisa e conhecimento sobre o tema, a composição do corpus teórico, em diálogo com o objeto de pesquisa, passou a se erigir em torno de três eixos de análise: o viés dialético materialista aliado à tendência crítica dos estudos culturais, a perspectiva materialista sobre a produção do espaço social e os estudos de comunicação sobre o MST. A exposição está dividida em três partes: hegemonia da/na arte e cultura, Setor de Cultura do MST: o debate entre tradição e modernidade e Rap da roça.

### **Hegemonia da/na arte e cultura**

Arte, cultura, comunicação e educação constituem níveis de luta hegemônica que se interligam dialeticamente na práxis social e política. A cultura se materializa fundamentalmente por meio da linguagem, da comunicação e da arte. A cultura está presente tanto na linguagem que se objetiva na vida cotidiana, mediando expressão, conhecimento e reflexão sobre o mundo, como na linguagem corporificada no esforço criativo, que provém do cotidiano, da sua materialidade, e a este retorna em movimento pedagógico transformador. Ou seja, cultura como herança histórica, como legado material e simbólico, que orienta as práticas sociais, reflete e refrata a realidade; e a cultura como dimensão crítica e reflexiva, com potencial linguístico, estético, para transformar as práticas sociais e a realidade. Celso Frederico (2000, p. 304) sugere que o reflexo próprio da vida cotidiana, o pensamento cotidiano, pressupõe um “materialismo espontâneo”, porque os homens percebem intuitivamente a existência do mundo exterior independentemente da sua consciência, porém de maneira imediata, sem conhecer a essência dos fenômenos. Conforme Lukács, a arte a ciência constituem meios para a superação da cotidianidade, porque são formas puras e desenvolvidas de reflexo e recepção da realidade objetiva, tendo a vida cotidiana como ponto de partida e chegada dessas criações (ibidem, p. 303). A arte educa o homem, proporcionando elevação ao gênero humano, transcendendo-o à

fragmentação do fetichismo da sociedade mercantil (ibidem, p. 305). Esse contínuo retorno ao cotidiano, esse processo de circularidade, enriquece espiritualmente o homem e a humanidade.

O processo pedagógico também se concretiza por meio da linguagem, da comunicação, o que pressupõe a dimensão e mediação antropológica da educação, o encontro e diálogo entre os homens mediatizados pelo mundo, como sempre demonstrou Paulo Freire. Quando o mestre afirma que: “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (FREIRE, 1977, p. 69), evidencia-se a relação intrínseca entre educação, comunicação e cultura. Coerente com a perspectiva marxiana e freireana da sua luta política, os debates sobre arte, cultura e comunicação no MST centralizam-se na função pedagógica desses elementos e níveis de luta hegemônica.

Nossa perspectiva é que a intersecção entre os trabalhadores do campo e da cidade, a base cultural para essa aliança política está no conceito de popular. A ambivalência do conceito de cultura popular reside na disputa política em torno de sua definição, no potencial da cultura popular para a transformação histórica. Nessa dialética cultural, há disputa permanente para conferir autenticidade política e estética ao popular, para ligar a produção cultural do povo ao projeto popular que a corresponde ou que se pretende corresponder. Usando as categorias de Raymond Williams (2005), para manter o popular como prática de oposição, e não ser englobado ou extirpado pela cultura dominante, é preciso esforço contínuo na luta, diferenciação e organização da correlação de forças que compõem o campo do popular. Temos a cultura popular como a cultura do povo, do senso comum, concepção de mundo e vida que existem concretamente, geralmente com elementos progressistas e reacionários (GRAMSCI, 1966). Já o projeto popular existe como possibilidade histórica concreta, que pode brotar da cultura popular para superá-la e constituir outra cultura, outra realidade. O caminho para a construção da hegemonia da classe trabalhadora, da hegemonia popular, está na construção do poder popular a partir da cultura popular, na formação do bloco hegemônico da classe trabalhadora também como cultura. Ou conforme Stuart Hall: “a capacidade de constituir classes e indivíduos enquanto força popular – esta é a natureza da luta política e cultural: *transformar* as classes divididas

e os povos isolados – divididos e separados pela cultura e outros fatores – em uma força cultural popular-democrática” (HALL, 2003, p. 246, grifo do autor).

### **Setor de Cultura do MST: o debate entre tradição e modernidade**

O Setor de Cultura do MST é formado oficialmente no IV Congresso Nacional do MST, em 2000, após intenso processo de debates e ações culturais acentuado no final da década de 1990. O Setor se formou e se organiza a partir de Frentes de Linguagem, cada qual especializada em linguagens artísticas distintas: Frentes de Música, de Teatro, que envolveu prolífica parceria com o Teatro do Oprimido, entre os anos de 2000 e 2005, de Artes Plásticas, de Literatura, que trabalha poesia e cordel, e a de Audiovisual. São proeminentes a intensa e extensa produção musical do MST, com mais de 400 músicas gravadas e livros com letras de músicas. A música é a linguagem artística mais presente nas místicas e no dia a dia do MST. Nas atividades da ENFF, há sempre um violão por perto e alguém tocando. O MST é muito musical. Além das músicas compostas pela militância, também são tocadas muitas canções da música popular brasileira e do rock nacional, de Alceu Valença, Milton Nascimento e Titãs, entre outros, e também presenciamos o rap do Veneno H2. Embora exista vasta produção e fomento à produção artística, a cultura é vista principalmente como meio para implementar as estratégias de luta do movimento, para construir e consolidar valores humanistas e, em última instância, construir o socialismo, conforme explica Célio Romoaldo<sup>5</sup>:

Acho que ela (cultura) deve cumprir também essa função. Mas essa função tem que estar articulada. A direção de cultura do MST tem que estar ligada diretamente à sua estratégia política. É isso, é pegar a música, a dança... Qualquer manifestação cultural só tem sentido se ela for para cumprir também com essa função. Sempre foi cabível a da descontração, do lúdico, tal, tal... Mas essa dimensão cultural tem que estar ligada à estratégia política. A sua ideologia tem que estar carregada disso. Porque senão vai servir para qualquer coisa, menos para construir novos sujeitos, novos homens, novas mulheres.

Com a participação cada vez maior da juventude, o diálogo intercultural entre campo e cidade se torna mais efetivo. Dirime-se aos poucos o polêmico debate que envolve

---

<sup>5</sup> O militante do MST nos concedeu entrevista no dia 21/09/2011, em imóvel que o MST alugava no bairro da Barra Funda, cidade de São Paulo. No momento da entrevista, Célio Romoaldo era coordenador de cultura no Estado de São Paulo. Atualmente, desenvolve tarefas na Associação Nacional dos Amigos da Escola Nacional Florestan Fernandes (ANAEFF).

a negação absoluta de tudo o que vem da cidade, a valorização incondicional das tradições culturais camponesas e a crescente aproximação entre o rural e o urbano. Essa aproximação se deve principalmente a três processos: a espacialização do capital e do MST, que aproximam materialmente e simbolicamente o campo e a cidade, a formação teórica nos setores de comunicação, cultura e formação, com foco no conceito de hegemonia gramsciana, e as experiências comuns entre a juventude do campo e da cidade, cada vez mais próximas.

A música do MST é certamente a linguagem artística que melhor expõe esse debate entre tradição e modernidade. Dentre as cerca de 400 músicas compostas pela militância do MST, quase a totalidade delas podem ser enquadradas no gênero da música popular tradicional: a música caipira, campeira, o forró, moda de viola, a música tradicional gaúcha etc. Principalmente a militância mais antiga tende a valorizar somente este tipo de canção. A juventude camponesa, que é o principal público nos setores de comunicação e cultura, com suas experiências sociais e formação política, passa a trazer outros referenciais simbólicos. Por meio da produção cultural, o jovem camponês consegue se socializar com outros jovens, sair do isolamento e promover o diálogo intercultural.

Contudo, a produção cultural da juventude é um campo de debates no MST. Quando os integrantes da Brigada Audiovisual apresentaram a primeira edição do vídeo produzido a partir do VI Congresso do MST, realizado em janeiro de 2014, foram questionados pelos dirigentes porque havia muito Hip Hop, mas na verdade estavam falando do rap. O Hip Hop é um movimento sociocultural que envolve quatro elementos artísticos e um projeto político-ideológico que os militantes denominam como o quinto elemento do Hip Hop. Os elementos artísticos são os seguintes: o DJ (*Disc Jockey*), quem “pilota” o toca-discos, o MC (*Master of Ceremony*), o mestre de cerimônias, aquele que canta; e esses dois elementos constituem o rap (sigla de *rhythm and poetry*, ritmo e poesia), a parte musical do Hip Hop. Há também a dança de rua, o breaking, e, por fim, o graffiti<sup>6</sup>, a arte plástica do movimento Hip Hop. A mídia burguesa apresenta Hip Hop e rap como se fossem sinônimos, reduzindo metonimicamente um movimento sociocultural a um produto cultural.

---

<sup>6</sup> A predileção de escrever no original, em italiano, graffiti, é defendida por diversos autores e militantes do Movimento Hip Hop. “Graffiti é o plural de graffito. No singular, é usada para significar a técnica (pedaço de pintura no muro em claro e escuro). No plural, refere-se aos desenhos (os graffiti do Palácio de Pisa)” (GITHAY, 1999, p. 13).

Sobrepõe-se o valor de troca sobre o valor de uso da palavra. Palavra que, velada, violada e expropriada, vende um bem de consumo aparentemente asséptico, porque travestido de roupagem mercadológica. O não conhecimento da história e das experiências que envolvem o rap e o Hip Hop faz com que a militância mais culturalmente conservadora do MST enxergue a presença do rap nos espaços do MST como uma invasão e um colonialismo cultural. Entretanto, o rap é um forte meio de comunicação social do jovem da periferia, em sua maioria negra. E se adapta a ritmos e conotações ideológicas diversas. Entre essas possibilidades criativas, estéticas e políticas, está o rap do Veneno H2. O que, como explica Raul Amorim<sup>7</sup>, coordenador nacional de juventude do MST, é a sinalização de uma abertura que ainda possui controvérsias no MST.

Claro que não podemos superestimar a linguagem do rap, porque há problemas e limitações dialógicas, como a dura moral periférica que tende a negar o outro, as diferenças, a educação universalizante. Não obstante, identificamos nessa aproximação linguística e diálogo intercultural um caminho para a inteligibilidade recíproca entre a juventude do campo e da cidade. O que pode abrir caminho para a integração crítica via luta política conjunta e a educação universalizante.

### **Rap da roça**

O grupo de rap Veneno H2 é formado por três militantes do MST: os primos Cesinha e Mano Fi, de Ribeirão Preto, e John, de Franca, o John Doido<sup>8</sup>. São camponeses do MST ligados ao Movimento Hip Hop e fazem rap. O fato de serem camponeses que fazem rap gera um estranhamento, tanto em suas famílias e companheiros de assentamento como em jovens ligados ao Movimento Hip Hop. Há negociação e conflito entre a ideologia e identidade do camponês com a ideologia e identidade da juventude periférica em movimento histórico que, amiúde, estabelece outros contornos na configuração identitária de classe da juventude camponesa-periférica. O depoimento de Cesinha<sup>9</sup> esclarece bem esse estranhamento dos jovens urbanos: “Aí chegamos com as letras, levamos para o pessoal de Franca ver e a galera começou até a zoar. Gente que mora na roça fazer Hip Hop. Então

---

<sup>7</sup> A entrevista com Raul Amorim, da direção nacional e coordenador nacional de juventude, foi realizada na Secretaria Nacional do MST, dia 21/07/2014.

<sup>8</sup> Os integrantes do Veneno H2 nos concederam entrevista no dia 21/09/2011, em imóvel que o MST alugava no bairro da Barra Funda, na cidade de São Paulo.

<sup>9</sup> Os integrantes do Veneno H2 nos concederam entrevista no dia 21/09/2011, em imóvel que o MST alugava no bairro da Barra Funda, na cidade de São Paulo.

eles falavam “ah vocês que cantam o **rap da roça**”... Eu me lembro. Demorou uns dois anos para o pessoal acreditar que a gente fazia som”. John<sup>10</sup> explica a dificuldade de aceitação dos seus pais camponeses por fazer rap.

**O problema é que é da periferia e os pais discriminam porque é Hip Hop. Quando eles viam Hip Hop pela televisão...** Meu pai morreu sem aceitar. Depois eles viam que, por exemplo, o *rap* pra mim me resgatou. O rap e o Movimento (MST). Pra mim resgatou porque ou era pra eu estar preso, sei lá o que eu ia estar arrumando. Eu ia fazer tudo, menos estar cantando *rap*, se eu estivesse na cidade. E também eu me envolvi no *rap* lá no assentamento com os meninos porque era com que eu me identificava lá dentro.

O primeiro momento do seu depoimento merece destaque porque mostra que tanto a visão da juventude urbana com relação ao MST, como a visão dos camponeses mais antigos e tradicionais com relação à juventude urbana que faz rap, são mediadas pela produção simbólica da mídia burguesa, que veicula a mercadoria, o bem de consumo e constrói um olhar de criminalização aos movimentos sociais<sup>11</sup>. Com relação ao Hip Hop, ou associam à violência, drogas e criminalidade ou privilegiam o bem de consumo e associam o Hip Hop, um movimento sociocultural, ao rap, um bem de consumo rentável à indústria cultural e expropriado do seu caráter ideológico. Com relação ao MST, essa postura é ainda mais agressiva. Essa disputa ideológica cria, de fato, relação dicotômica, a polarização entre a comunicação popular e alternativa desenvolvida pelos movimentos sociais e a comunicação comercial, corporativa e capitalista desenvolvida pela grande mídia.

O grupo Veneno H2 começou em 2003. O H2 do nome é referência ao Hip Hop e veneno é uma gíria que pode ter os significados de angústia, raiva, indignação ou a mistura desses sentimentos. Explicam também que são “o veneno do sistema”. Cesinha<sup>12</sup>, o mais velho do grupo, atualmente com 39 anos, faz rap desde os 14 anos e canta desde os 17 anos. Ou seja, começou quando se iniciava a chamada Nova Escola do Hip Hop, no final da década de 1980, e que se fortalece no início da década de 1990 com a expansão das posses, as primeiras organizações que passam a desenvolver um trabalho de formação política a

---

<sup>10</sup> Os integrantes do Veneno H2 nos concederam entrevista no dia 21/09/2011, em imóvel que o MST alugava no bairro da Barra Funda, na cidade de São Paulo.

<sup>11</sup> Com relação à disputa simbólica entre os movimentos sociais MST e Hip Hop e a mídia comercial ver Bastos (2012).

<sup>12</sup> Os integrantes do Veneno H2 nos concederam entrevista no dia 21/09/2011, em imóvel que o MST alugava no bairro da Barra Funda, na cidade de São Paulo.



partir dos elementos artísticos do Hip Hop. Todos eles cresceram em regiões de periferia, tendo experiências e histórias de vida comuns em qualquer bolsão periférico do mundo: criminalidade, privação de educação, trabalho, cultura, lazer etc. Em 2000, Cesinha conheceu o assentamento 17 de abril. Conta que foi obrigado a ir ao assentamento e que a mãe o puxou pelas orelhas. No assentamento, encontrou o primo e a prima, Paulo Eduardo Pinheiro, o Mano Fi, e sua irmã, e os convidou para formar um grupo de rap. O apelido Mano Fi nasceu porque a mãe o chamava de Fi, de filho. Fi pra cá, Fi pra lá, o apelido pegou. Em 2006, entra John Miller Souza, o John Doido, tocando violão e fazendo letras também. Eles frequentavam bailes em Ribeirão Preto, com o pessoal do Hip Hop, onde havia apresentações de rap e batalhas de breaking.

Com as experiências comuns, paulatinamente, o diálogo entre a juventude do campo e da cidade se fortalece. Muitos jovens do MST viveram em periferias. Alguns que chegam aos assentamentos também são da periferia e encontram no MST oportunidade de trabalho e de vida. John<sup>13</sup> explica que o rap é a linguagem com que se identificam. “E nisso a gente vê pela própria juventude que, quando a gente canta, o pessoal gosta. Gosta de rap, é a linguagem que a gente tem hoje. Pra conversar com essa turma é o rap. Assim que a gente vê. Dentro do movimento tem várias formas. Tem o samba também, que é muito forte”. Como são do MST, os jovens da cidade os procuram para ajudá-los na organização do Movimento Hip Hop: auxiliar no diálogo com o estado, conseguir lugares para cantar, dançar e se formar como movimento social. O MST é referência de organização política. Os jovens do Veneno H2 entendem que os jovens urbanos envolvidos com o rap e o Hip Hop são revoltados, mas não são politizados.

Quando entrevistamos Cesinha, Mano Fi e John doido eles estavam gravando o CD “Militante da Terra”, que possui 11 faixas. Vamos nos deter em trechos de três letras. Abaixo, trecho cantado por Mano Fi, da primeira faixa, “Veneno no ar”, que expõe elementos significativos para nossas reflexões.

---

<sup>13</sup> Os integrantes do Veneno H2 nos concederam entrevista no dia 21/09/2011, em imóvel que o MST alugava no bairro da Barra Funda, na cidade de São Paulo.

*Mas aí eu só vou te derrubar com  
proceder*

*Você me quer bandido, só que eu não  
quero ser,*

*E quer me ver noiado, só que não vai ver*

*E o seu filho quer ser igual a mim quando  
crescer.*

*Por isto te incomoda e você não gosta de  
mim*

*E da minha raça você quer ver o fim.*

*Você é a parte boa e eu sou a parte ruim*

*E não existe motivos pra que eu seja  
assim.*

*Mas eu sou desse jeito, sujeito Sem Terra,  
suspeito no gueto,*

*Mas eu exijo respeito na cena, pois eu  
não tenho a mente pequena.*

*Eu luto pra resolver meu problema,  
mesmo você atrapalhando o esquema,*

*Porque é quente a ideia, mil grau! O Hip*

*Hop não tem paga pau.*

O trecho acima trabalha palavras em arranjo poético que denota combinações ideológicas e políticas inquietantes: Sem-Terra e Hip Hop rimando no mesmo discurso, tempo e espaço sociais. Como em outras letras de protesto e denúncia sociais que compõem o universo musical do Hip Hop, o alvo primário do discurso é o sistema: Estado, classes dominantes, suas instituições, mídia burguesa e a polícia, que se destacam pelas respectivas violências material e simbólica, pelos mecanismos de exploração, expropriação e controle da jovem classe trabalhadora. O alvo é o bloco de poder, que se estrutura socialmente e historicamente na permanente luta pela hegemonia. Bloco de poder que se reproduz com o capital, com a reprodução das relações sociais de produção, e que tem, na objetivação/materialização do espaço e do tempo, dimensão estratégica da luta de classes.

O Veneno H2 sabe que o rap se tornou mercadoria rentável para a indústria cultural, entretanto, permanece como rica linguagem para a crítica e a comunicação social entre a juventude. A letra de rap, poesia da vida cotidiana, é compreendida aqui como parte da estratégia discursiva de representação do espaço social da jovem classe trabalhadora paulista, do seu cotidiano fronteiro, como produto social da luta de classes, como pista para a comunicação e construção de novos espaços sociais.

A aparição da palavra gueto é constante nas letras e falas do rap. Com a mediação do Movimento Hip Hop, a palavra gueto foi incorporada ao vocabulário dos moradores de comunidades periféricas do Brasil como sinônimo de periferia, de lugar onde se verifica a precariedade de moradia, equipamentos de lazer, cultura e ausência do Estado. A letra diz

que o sistema quer que se torne bandido e “noiado”, gíria para usuário de drogas como cocaína e crack. Muitos jovens da periferia acabam encontrando esse caminho, o da criminalidade, do tráfico e uso de drogas. Porém, o MST e a música aparecem como o caminho da redenção para esses jovens camponeses. O trecho “E o seu filho quer ser igual a mim quando crescer” é uma referência à letra da música “Negro Drama”, sucesso dos Racionais MCs, principal grupo de rap do país e referência para os jovens do campo e da cidade. Nessa letra, Mano Brown, o MC líder do grupo, diz: “Inacreditável, mas seu filho me imita” e depois “Seu filho quer ser preto, Rááá... Que ironia!”. Nas letras do Veneno H2, as intertextualidades se movimentam entre as linhas políticas e sociabilidade política do MST e o campo sógnico, narrativas e sociabilidade vivida no espaço fronteiroço do rap. Abaixo, trecho da faixa quatro: “Rap nacional”.

*Preste atenção viaje na rima que eu vou  
lançar*

*Rap nacional em primeiro lugar.*

*O movimento que no Brasil é excluído*

*E dizem por aí que é som de bandido.*

*Repúdio da voz da periferia,*

*União firmeza de todas etnias.*

*E os gringos vêm aí para roubar o som,*

*Mas o deles não é assim chapado, do  
bom.*

*Relatando a verdade do nosso sofrimento,*

*Realidade de rua de um mundo em  
movimento.*

*Mas agora o momento é falar de paz,*

*Esquecer o próximo jamais.*

*A união nas quebradas está  
prevalecendo,*

*Mesmo com os burgueses atrasando  
nosso movimento.*

*Mas meu santo é forte e Deus é maior,*

*Vou seguir minha caminhada sem febre e  
sem dó.*

*Rap nacional, rajada na sua cabeça,*

*A opção do povo aqui prevaleça.*

Essa música expressa o vínculo do Veneno H2 com o rap nacional, independentemente do pertencimento ao MST. O tema é o rap nacional como representante simbólico da voz periférica e das ruas. Periferia que o campo também compõe, afinal, a cidade é o centro econômico e político que rege as relações de poder. Eles mostram que “a união nas quebradas está prevalecendo”. Ou seja, o rap e o Hip Hop proporcionam esse laço social e simbólico entre a juventude da periferia. Questionam a imagem construída pela mídia burguesa, que associa o rap à criminalidade: “e dizem por aí que é som de bandido”.

É recorrente nos jornais televisivos: quando aparecem cenas de violência na periferia, colocam rap de fundo como trilha sonora. Há o aspecto nacionalista ao apontarem o “roubo do rap” pelos gringos, mas o deles não é “chapado, do bom”. É consenso entre agentes sociais do Hip Hop e pesquisadores que o rap brasileiro apresenta militância e críticas sociais mais contundentes do que o norte-americano. A presença de Deus na letra é comum em letras de rap e também nas músicas do MST. Como nos lembra Marx (2011, pp. 45-46), “a religião é o suspiro do ser oprimido, o íntimo de um mundo sem coração e a alma de situações sem alma. É o ópio do povo. A miséria religiosa constitui ao mesmo tempo a expressão da miséria real e o protesto contra a miséria real”. Duas frases mostram diferenças dessa letra com relação à maioria do rap nacional. Eles afirmam a “união firmeza de todas etnias”. O rap produzido nas periferias do país, geralmente, é caracterizado como som da juventude negra, pobre e periférica. Não é recorrente a proposição ou constatação da união das etnias, embora possamos encontrar letras que defendam essa linha criativa e política. O que evidencia, de fato, a formação política dos jovens do MST na letra é a menção aos: “burgueses atrasando nosso movimento”. Geralmente, nas letras de rap, o inimigo é o playboy e não o burguês. Conquanto possa parecer um dado que não mereça destaque, a menção à burguesia denota consciência política diferenciada adquirida com a formação marxiana. O adversário político não é generalista, qualquer um que esteja fora da periferia, é o burguês, aquele que detém os meios de produção. Desse modo, vai além da dicotomia mais rasa, “nós versus os playboys”, para destacar a luta de classes real e concreta.

A nona faixa, “Vinheta militante”, reflete de maneira mais direta a identidade Sem Terra dos jovens compositores. “Vinheta militante” é declamada e expõe com clareza as principais críticas, sentimentos e projeção de luta da juventude Sem Terra, por isso vamos nos aprofundar na análise desta vinheta. Abaixo, a letra.

*Quem somos por essa terra?*

*Com calos nas mãos e gritos de ordem.*

*Persistindo na luta,*

*Pois o inimigo é forte.*

*Que tem a seu favor tudo que se compra  
com o dinheiro,*

*Mas não nos vendemos, pois somos  
guerreiros.*

*Quem somos por essa terra?*

*Que não se ilude pelo que vê na televisão*

*E tem punhos de aço contra a repressão  
Da polícia que vem, julga e pune,*

*Querendo acabar com a miséria  
Exterminando na periferia a nossa  
juventude.  
Quem somos por essa terra?  
De punho esquerdo estendido ao alto,*

*Unindo as forças do campo e do asfalto,  
Do leste, do oeste, do sul e do norte,  
Preparam os guerreiros para bater de  
frente e encarar o choque.  
Somos todos Sem Terra!*

A letra-poesia-protesto é composta por três momentos, três movimentos retóricos que objetivam responder à indagação: “quem somos por essa terra?” É uma narrativa de autoafirmação, autoimagem, um diálogo com o espelho Sem Terra norteando a elaboração identitária dos jovens camponeses a partir de eixos fundamentais: a luta material e simbólica contra os inimigos nivelados pelo capital, destacando-se a polícia e a mídia burguesa como aparelhos privados de hegemonia repressores e opressores; e a aliança entre as forças do campo e do asfalto para encarar a repressão, unidos sob o denominador comum: “Somos todos Sem Terra!”. No primeiro momento/movimento, o verso “com calos na mão e gritos de ordem” denota o trabalho camponês, o esforço físico da labuta com as mãos na enxada, esta também tornada símbolo do trabalho campesino e da luta dos Sem Terra. Os “gritos de ordem” criados nos Encontros e Congressos Nacionais, nos espaços de formação, compõem a mística do MST, são palavras que costuram a identidade Sem Terra na luta pedagógica, comunicacional, cultural e política. No VI Congresso Nacional, o mais recente, a palavra de ordem maior que guia a luta para este período histórico é: “Lutar, construir a Reforma Agrária Popular!”. O inimigo maior é o capital, que é forte, porque “tem a seu favor tudo que se compra com o dinheiro”. Forma dinheiro que tudo nivela, que dissimula o trabalho social e apaga a história do trabalho que o produziu. Mas a juventude Sem Terra afirma que não se vende, porque são “guerreiros”.

No segundo momento/movimento, afirmam que “não se ilude pelo que vê na televisão”. A afirmação resulta do aprendizado proporcionado pela formação política do MST, no Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária (Iterra), ENFF e outros espaços político-pedagógicos. Resultado também da luta política cotidiana do MST, presente nas narrativas orais e nos aparelhos populares de hegemonia criados: o Jornal Sem Terra (JST), os vídeos, a página na internet entre outros, utilizados estrategicamente para desconstruir o que a mídia burguesa veicula e educar politicamente a militância. Tarefa dura, porque é difícil chegar a todos os espaços, assentamentos e acampamentos. Além

disso, o esforço para desconstruir a hegemonia acaba, por vezes, pela necessidade, sendo maior do que o esforço para construir outra hegemonia, embora sejam esforços que caminhem juntos.

O terceiro momento/movimento da “Vinheta militante” apresenta o MST como caminho, uma síntese popular para a superação do capital, para saída da realidade de miséria e conflito. O verso “De punho esquerdo estendido ao alto” é característico do movimento realizado pela militância do MST ao cantar o refrão do hino: “Vem lutemos, punho erguido...”. Existe uma orientação para que seja dessa forma, o gesto do punho esquerdo erguido, fechado, em movimento que acompanha a marcha musical do hino representa a indignação contra a dominação e exploração dos trabalhadores. Representa, também, a disposição para lutar e escrever a história com as próprias ferramentas (MST, 1993). “**Unindo as forças do campo e do asfalto**” mostra a intenção e o empenho do MST, da juventude Sem Terra, em criar aliança com a cidade nacionalmente: “do leste, do oeste, do sul e do norte”. É a consciência política de que os trabalhadores do campo e da cidade compõem o mesmo bloco hegemônico, que precisa se unir culturalmente e politicamente como classe para derrotar o bloco de poder. “Preparam os guerreiros para bater de frente e encarar o choque” representa a disposição para enfrentar o “choque”, a força tática da polícia chamada para coibir e reprimir protestos. “Somos todos Sem Terra!” afirma o MST como síntese política e popular, como movimento aglutinador das demandas populares: os Sem Terra não são apenas os desprovidos e carentes de terra, posto que são também os sem teto, os sem trabalho, os sem educação, sem hospitais, os injustiçados, desempregados. Enfim, este verso representa a virtual grande marcha sonhada por Paulo Freire, “a marcha esperançosa dos que sabem que mudar é possível” (FREIRE, 2000, p. 61).

### **Considerações finais**

A produção cultural da juventude Sem Terra expressa no rap do Veneno H2 é mediada pela formação política do MST e pela sociabilidade política e cotidiana destes jovens camponeses rappers, Cesinha, Mano Fi e John Doido, que vivem e praticam suas experiências em espaços de fronteira, entre a favela e o assentamento, entre o mundo camponês e da juventude periférica. Se essa arte não indica a saída para a emancipação, ao

menos sinaliza a possibilidade do diálogo pela cultura, da superação do cotidiano e encontro do gênero humano pela arte, da inteligibilidade mútua que pode ajudar a encaminhar a luta política comum entre o jovem do campo e da cidade. Jovens que possuem problemas e desafios muito próximos, no mundo do trabalho, da educação e da vida, mas que precisam de mediações simbólicas, políticas, de educação universalizante que alicercem o despertar dessa consciência política.

## REFERÊNCIAS

- BASTOS, Pablo Nabarrete. **Marcha dialética do MST**: formação política entre campo e cidade. 2015. Tese (Doutorado em Interfaces Sociais da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-29062015-151022/>>. Acesso em: 06/07/2015.
- BASTOS, Pablo. **Cabo de Guerra**: a disputa por sentido na comunicação. In: Revista Z Cultural. Revista Virtual do Programa Avançado de Cultura Contemporânea da UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012. Disponível em <<http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/cabo-de-guerra-a-disputa-por-sentido-na-comunicacao-de-pablo-nabarrete-bastos>>. Acesso em 12/01/2015.
- CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.
- FERNANDES, Bernardo Mançano. **MST: Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra**: Formação e Territorialização em São Paulo. 2 ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1999.
- FREDERICO, Celso. **Cotidiano e arte em Lukács**. In: Estudos Avançados, São Paulo, 14 (40), 2000.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- GITHAY, Celso. **O que é graffiti**. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. São Paulo: Martin Claret, 2011.
- MST, Setor de Educação do. **Boletim da Educação número 2**. Como trabalhar a mística com as crianças. São Paulo, 1993.
- WILLIAMS, Raymond. **Base e estrutura na teoria cultural marxista**. Revista USP, São Paulo, n. 65, p. 210-224, mar.-maio 2005.

